Derrotar o imobilismo para sair da barbárie cultural

José Marques de Melo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MELO, JM. *Cidadania glocal, identidade nordestina: ética da comunicação na era da internet* [online]. Campina Grande: EDUEPB; Latus, 2011. 108 p. ISBN 978-85-63984-07-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Derrotar o imobilismo para sair da barbárie cultural⁶

Dois sentimentos irrigam minh`alma neste momento solene: gratidão e compromisso.

67

Gratidão pela generosidade dos colegas que tomaram a iniciativa, dos colegiados e das autoridades que endossaram a homenagem, bem como do público aqui presente, convalidando o ritual acadêmico.

Compromisso pela expectativa decorrente da honraria que me é concedida, cujo significado parece refletir menos o clichê hollywoodiano do *happy end*, sugerindo o “repouso do guerreiro” e muito mais a metáfora neo-realista da *cinecitá*, proclamando o “adeus às

6 Discurso proferido em São Luis, na noite de 8 de abril de 2010, na solenidade de outorga do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Maranhão.

armas”, sem contudo renunciar à vigilância cidadã, porque a “luta continua”.

Sinto-me gratificado e endividado.

Gratificado pelo carinho, respeito e admiração com que venho sendo distinguido pela comunidade acadêmica maranhense. Liderando a equipe da Universidade de São Paulo que ajudou a implantar o curso de comunicação desta universidade, aqui estive, nos idos de 70, para ensinar e aconselhar, mas também para aprender e conhecer.

68 Endividado com os gestores de futuras iniciativas, reafirmo que estarei sempre disponível, na medida das minhas forças e no limite da minha competência, para fortalecer a vanguarda das ciências da comunicação que aqui está se constituindo.

Ainda recentemente, tive a alegria de incluir dois maranhenses emblemáticos num projeto de resgate da memória do jornalismo brasileiro. E ambos corresponderam à minha convocação, inscrevendo figuras estaduais na galeria dos personagens que fizeram História nacional.

O veterano Sebastião Jorge convenceu-me a destacar símbolos representativos de diferentes conjunturas: o irônico João Francisco Lisboa e o boêmio Amaral Raposo.

O emergente José Ferreira Junior contribuiu para difundir no panorama nacional a versatilidade de Aluizio de Azevedo, focalizando seu desempenho como folhetinista de sucesso.

Ao evocar esses ícones da cultura maranhense – Lisboa, Raposo e Azevedo -, que perfilaram papéis de relevo em sua época, quero, na verdade, emular as novas gerações a neles se inspirar, resistindo aos apelos sedutores das ondas que, de tempos em tempos, invadem a nossa academia. Criando laços de dependência intelectual, tais modismos anulam nossa capacidade de pensar com a própria cabeça, nossa predisposição para andar com as nossas pernas, nossa consciência de agir soberanamente.

69

Não pretendo de forma alguma incentivar comportamentos típicos de insularidade e xenofobia. Ao contrário, defendo a livre circulação das ideias, de modo a garantir a pluralidade de visões e a diversidade de opções. Mas não abduco do direito à autodeterminação e do dever de projetar nossas identidades no cenário mundial.

É bem verdade que a nossa tradição intelectual é caudatária do pensamento europeu, que, adaptado ao ambiente nacional, produziu um modo de pensar mestiço e um modo de agir consentâneo com as nossas aspirações caboclas.

Percebo, contudo, nas novas vanguardas, principalmente aquelas que usufruíram formação pós-graduada no além mar, uma forte aderência aos modelos de pensamento hegemônicos nas matrizes em que se nutriram intelectualmente. Muitas dessas lideranças mimetizam os seus mestres e reproduzem automaticamente suas teses, sem submetê-las previamente à crítica dos colégios invisíveis atuantes no território nacional. Sem testar a aculturação desses referenciais ao nosso *ethos*, exatamente como fizeram de forma criteriosa os nossos pioneiros das ciências humanas, entre eles Gilberto Freyre, Anísio Teixeira, Celso Furtado ou como procederam os seus continuadores: Darcy Ribeiro, Manuel Correia de Andrade ou Roberto DaMatta.

Nosso campo do conhecimento vive, contemporaneamente, um impasse decisivo que não convém postergar. Trata-se de optar entre a valorização e o fortalecimento dos modelos híbridos, resultantes da mestiçagem processada entre as matrizes forâneas e as demandas ibero-americanas ou a assimilação a-crítica dos postulados teóricos *imported from* Washington, Moscou, Roma, Londres, Paris ou Berlim.

Quando, há 40 anos, aqui estive pela primeira vez, encontrei um ambiente acadêmico efervescente, ainda impregnado da forte tradição literária maranhense. O jornalismo local

era praticamente uma extensão das letras clássicas e vernáculas cultivadas nos liceus e grêmios de vanguarda.

A vida pacata de São Luis representava excelente campo de observação de um tempo finito e de cenários memoráveis, para um grupo de professores acostumados ao cosmopolitismo paulistano, quase completamente imersos na cultura de massa. A mídia aqui existente ainda era mediada pelas conversações interpessoais nos pontos de aglomeração coletiva e as correntes de opinião pública eram influenciadas pelas interpretações comunitárias dos agentes folkcomunicacionais tão bem descritos por Luiz Beltrão.

71

Hoje o panorama mudou completamente, verificando-se a integração gradativa ao universo globalizado, embora persistam traços marcantes das identidades regionais. Constitui, a meu ver, tarefa urgente a desafiar a inteligência da geração que povoa as escolas de comunicação, nesse limiar do século XXI, entender como se deu uma transformação tão brusca e quais os impactos provocados na vida da sociedade, na configuração política e no tecido cultural maranhenses.

Não pretendo de forma alguma induzir os meus jovens colegas a debruçar-se sobre o passado, para revivê-lo saudosamente. O que lhes proponho é o conhecimento crítico de um espaço ainda em mutação, onde passado e

presente convivem dialeticamente, no sentido de resgatar elementos capazes de preservação seletiva e de renovação criativa.

Dessa maneira, estaremos produzindo conhecimento comunicacional sintonizado com as nossas raízes, neutralizando a rendição incondicional aos padrões disseminados por livros-textos fabricados nos centros hegemônicos e validados pelos comitês universitários compungidos a assumir diretrizes equivocadas oriundas das agências nacionais que monitoram o ensino e a pesquisa.

72

Temos o dever de batalhar por uma academia soberana, que não se isole da comunidade internacional, contribuindo para o desenvolvimento de outra sociedade, justa, fraterna e solidária, mas fiel ao patrimônio cognitivo construído pelas lideranças que nos precederam. Alguns desses colegas sofreram as agruras do exílio ou experimentaram as asperezas das discriminações internas, sem capitular perante a sedução engenhosa dos que manipulam o aparato estatal ou movem as engrenagens da indústria cultural.

Somos um país estigmatizado pela cultura do silêncio, reflexo do mutismo dos cidadãos e da apatia da coletividade. Temos uma população formada por vastos contingentes famintos de leitura, sedentos de cultura e demandantes de participação. O que fazer para superar esse

dramático impasse político-cultural, ultrapassando a barbárie e ingressando na civilização?

Trata-se de uma dívida histórica que precisamos saldar com o nosso povo, construindo um futuro alentador. Do contrário, estamos condenados a permanecer na periferia da chamada sociedade do conhecimento, bestificados diante dos que se arvoram mandatários da vontade coletiva, como procederam as testemunhas oculares da proclamação da nossa República.

Repito: a homenagem que me presta a Universidade Federal do Maranhão, nesta bela solenidade, eu a interpreto como um apelo metafórico para não “pendurar as chuteiras”.

73

Não desejo imitar o caminho escolhido por vários colegas da minha geração, hoje confortavelmente instalados na tribuna de honra dos estádios. Quero calçá-las, para reforçar, ainda que na retaguarda pensante, o time que pode derrotar o imobilismo e a inércia dominantes na vida intelectual brasileira.

Este é o compromisso que assumo perante esta comunidade, no momento em que dela recebo a afetividade, o incentivo e o reconhecimento.

Vamos à luta! Vamos recorrer às armas do conhecimento! Vamos convencer pela força da argumentação! Vamos triunfar pelo ardor da nossa paixão!